

Inflação não passará de 15%

CLAUDIA DE SOUZA

SÃO PAULO — A inflação mais alta da Fipe, de 1,62% para o mês de abril, não altera o cenário da economia nos próximos meses. A previsão é das economistas Cristina Mendonça de Barros e Teresa Dias da Silva, da Mendonça de Barros Associados, uma das maiores consultorias do país. "Vamos fechar o ano com os mesmos 13% a 14% de inflação previstos no começo do ano", diz Teresa.

Mesmo os aumentos nas tarifas de transporte público de várias cidades, que começaram a ser anunciadas ontem, não alteram a previsão. "Vamos entrar em cinco meses de inflação mais alta, com a entressafra agrícola entre junho e setembro e, agora, o aumento das tarifas do transporte, podendo chegar até 1,60% como inflação mensal. Mesmo assim, o patamar é razoável; não estamos vendo o início de uma bola de neve, muito menos uma indexação nos preços. Até porque a competição entre as empresas não permite", diz Teresa.

"O cenário não muda", diz, também, o consultor Affonso Celso Pastore. "Deverá haver alta dos alimentos, que porém já era esperada", lembra, referindo-se aos preços internos de trigo, soja e milho, que nos próximos meses deverão encostar nos preços praticados lá fora, em alta já há várias semanas. Para Pastore, o "affair do aumento de preço da gasolina" também terá impacto, mas não a ponto de alterar a previsão de 15% de inflação para o ano.

O Real ainda não perdeu a batalha das expectativas, argumenta Cristina, mesmo com as dificuldades que o presidente Fernando Henrique está enfrentando junto à opinião pública, especialmente a opinião da classes média. "O problema do presidente não é a inflação, a balança comercial ou o ajuste fiscal. Ele até terá tempo e algum espaço para tomar medidas que ajudem a aumentar o emprego e diminuir as pressões por gastos sociais, justamente porque as variáveis macroeconômicas vão bem".